

Evangelização da juventude a partir da Conferência Episcopal Latino Americana de Puebla: traçando no chão da América Latina e do Caribe um novo sujeito eclesial.

Evangelization of youth from the Latin American Episcopal Conference of Puebla: drawing a new ecclesial subject on the ground of Latin America and the Caribbean.

Pamela Santos*

Recebido: 13/05/19

Aprovado: 23/06/19

Resumo

A partir da Conferência de Puebla, os jovens foram apontados como esperança da Igreja pós-conciliar e também desafio para a evangelização juvenil. A partir das conferências episcopais um novo olhar e caminhar passam a ser trilhados no chão da América Latina, onde a juventude deixa de ser mera receptora e passa a ser protagonista. O presente artigo desenvolve uma reflexão sobre a opção de Puebla pela juventude e qual o seu impacto no processo evangelizador dos jovens latino-americanos. A Conferência não tinha apenas uma preocupação com a juventude batizada, pelo contrário, ela volta seu olhar àquela juventude que se encontra nas periferias tanto física quanto existenciais. Reviver Puebla é revisitar seu espírito profético e fazer com que a evangelização juventude ganhe uma nova tônica, onde a categoria jovem passe a ser de fato prioridade nos espaços eclesiais e sociais.

Palavras-chaves: Juventude, Puebla, Sujeito Eclesial, América Latina e Pastoral

Abstract

From the Puebla Conference, the young people were pointed out as a hope of the post-conciliar Church and also a challenge for youth evangelism. From the episcopal conferences a new look and walk start to be trodden on the floor of Latin America, where the youth ceases to be mere receiver and happens to be protagonist. This research develops a reflection on Puebla's choice for the youth and its impact on the evangelizing process of Latin American youth. The Conference not only had a preoccupation with the baptized youth, on the contrary, it turns its gaze to that youth that is in the peripheries both physical and existential. Reviving Puebla is to revisit its prophetic spirit and to make youth evangelism gain a new tone, where the youth category becomes a priority in ecclesial and social spaces.

Keywords: Youth, Puebla, Ecclesial Subject, Latin America e Pastoral.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo recordar e atualizar a opção preferencial pelos jovens feita pelos bispos latino-americanos na Conferência de Puebla e mostrar o que isso

* Pamela Santos é graduada em teologia pela Faculdade Dehoniana, Taubaté SP e mestra em Teologia pela PUC SP. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq Religião e Política no Brasil Contemporâneo.

representou para a evangelização juvenil da América Latina e do Caribe e consequentemente para a Igreja do Brasil.

Falar sobre a evangelização da juventude sem fazer referência à Conferência de Puebla seria uma falha imensurável considerando a opção pelos jovens feita por aquela Conferência. Neste período de celebração dos seus 40 anos, retornar a Puebla é fazer memória do espírito profético que conduz a Igreja sempre para caminhos da verdade e da justiça, é recordar que na juventude o rosto jovem de Deus se expressa de maneira viva e sagrada.

1. Conferência de Puebla: precedentes intra e extra-eclesial

A juventude carrega em si um grito, uma voz que brota da terra, dos povos; sente em si os grito e vozes dos outros corpos, das vidas que sofrem a escravidão e as dinâmicas que promovem desigualdades de tantas dimensões, permite-se fecundar e transformar, e devolve com voz, mãos, passos, a luta pela vida para todos e todas para toda a criação, para todo o universo. Nas Conclusões de Medellín encontra-se um olhar para os jovens como aqueles que clamam e semeiam uma nova sociedade, como um novo corpo social que possui seus próprios valores e sonhos (cf. COSTA, 2018, p. 197).

A Conferência de Medellín se dirigiu aos jovens como fonte de esperança para a Igreja, pois ao reconhecer seus valores abre espaço para que as juventudes¹ possam vivenciar suas realidades em favor da própria Igreja e da humanidade. Dentre os destaques da Conferência, está os valores juvenis que podem exercer grande influência na vida comunitária, e apresenta um conjunto de valores no plano destas relações: “[...] certas formas de responsabilidade, desejo de autenticidade e de sinceridade, uma aceitação dos outros tais como são e um franco reconhecimento do caráter pluralista da sociedade” (DM 5,1,9). Essa afirmação revela que Medellín compreendeu a importância da juventude para a Igreja (DANIELSKI, 2015, p. 42).

¹ Se considera importante salientar que, mesmo incluindo sujeitos de uma mesma faixa etária, a juventude possui características diferenciadas de acordo com o contexto no qual os jovens estão inseridos. Por essa razão, a literatura atual tem utilizado a palavra juventude no plural. O uso da expressão “juventudes” representa o reconhecimento da necessidade de, ao se tratar de jovens, levar em conta que esse segmento constitui identidades e singularidades de acordo com a realidade de cada um. O plural de referência à Juventude é o reconhecimento do peso específico de jovens que se distinguem e se identificam em suas muitas dimensões, tais como de gênero, cor da pele, classe, local de moradia, cotidiano e projetos de futuro. (IBASE; Pólis, 2005, p.8)

Com esses passos percorridos no caminho que foi Medellín, pode-se acreditar que a Igreja está em um processo de reconhecimento das mais variadas manifestações juvenis, o que chama a abandonar posturas estáticas e deixar-se conduzir pela dinâmica do Espírito que a faz capaz de anunciar a esperança cristã em todas as realidades onde esteja inserida a humanidade, neste caso, onde esteja precisamente a juventude. Mário de França Miranda afirma que: “Querer manter a mesma modalidade de pastoral evangelizadora quando o cenário já pede outra, acaba revelando uma solução cômoda, mas enganosa e ineficaz, gerando uma crise de transmissão da fé” (MIRANDA, 2013, p. 15). A partir desse caminho percorrido por Medellín, um novo jeito de ser e de fazer começa a ser trilhado.

Desde que João Paulo II anunciou oficialmente sua ida à Conferência Geral dos bispos latino-americanos em Puebla, criou-se grande expectativa em torno dessa viagem e presença. Compreende-se a partir de então, o enorme interesse de setores conservadores eclesiais e políticos-civis, de que tal viagem do Papa a um continente marcado pelas injustiças sociais, por conflitos agudos decorrentes da opressão reinante de um lado, e, de outro, profundamente religioso e fiel à Igreja Católica, não se torne um motivo e causa de conscientização de tal situação, a fim de evitar o fortalecimento dos movimentos populares em ordem a uma transformação radical da realidade sócio-política.

A visita do Papa foi realidade muito mais complexa que à primeira vista pode parecer, ela tem uma face voltada para o interior da Igreja. E esta Igreja, por sua vez, pode ser considerada enquanto universal, ou enquanto está situada na América Latina ou mesmo enquanto está em Roma. As atitudes e discursos do Papa terão repercussões em todos esses níveis de maneira diversa. Além disso, no interior da Igreja encontra-se diversos setores, distinguíveis seja por sua função ministerial, seja por sua compreensão pastoral da ação da Igreja (cf. LIBANIO, 1979, p.9).

O Papa vai falar durante sua viagem a pessoas que estão ligadas mais diretamente à estrutura interna da Igreja por seu serviço e vocação e outras mais alheias ou, ao menos, não tão vinculadas a seu regime interno. A visita se dará inicialmente em dois momentos: primeiro com bispos, sacerdotes, religiosos e em segundo momento um encontro com as massas, estudantes, movimentos sociais e organizações lidaradas por questões pertinentes a realidade.

O eixo *intra eclesial* do discurso do pontífice destinado aos bispos, sacerdotes, religiosas e religiosos, seminaristas caracterizou-se por uma polaridade peculiar. Falando aos sacerdotes chama-os de peças centrais na tarefa eclesial, presença qualificada no

apostolado eclesial, servidores de uma causa sublime, de quem depende boa parte a sorte da Igreja (cf. LIBANIO, 1979, p.14). Trata-se de um discurso cheio de segurança, clareza sobre a tarefa sacerdotal, que não deixa espaço para as clássicas crises de identidade do clero.

Os discursos *extra-ecclesiais* do Papa revelam outros aspectos e geram um clima bem diferente. Aparece mais claramente a figura do Pastor aberto, corajoso, com grande capacidade de captar a situação, e responder a ela com palavras cobertas de vida. Desde o início da sua viagem, o Papa quer reservar sua lembrança e saudação mais entranhável aos pobres, aos camponeses, aos enfermos, aos marginalizados, que sentem próxima a Igreja, que a amam, que seguem a Cristo ainda em meio de obstáculos e que com admirável sentido humano põem em prática a solidariedade, a hospitalidade, a alegria honesta e esperanças.

O eixo *extra eclesial* dos discursos pontifícios revela-nos um homem imerso no mundo moderno das grandes contradições, dos grandes conflitos, das grandes injustiças, não se colocando neutro diante deles (LIBANIO, 1979, p.15). Através de suas falas e pontuações faz-nos entender que há uma preocupação com o povo que se encontra em vulnerabilidade e fraqueza oriunda de um sistema social opressor. Há uma preocupação aparente de que esse povo possa ter voz, para que se inicie uma consciência das consciências e conseqüentemente um convite à ação, para recuperar o tempo perdido, que é frequentemente tempo de sofrimentos prolongados e de esperanças não satisfeitas. Tal postura, porém, passa a ser repensada no decorrer do seu pontificado, onde o pontífice se afasta das classes populares e emergentes que trará conseqüências para toda a Igreja.

1.1. *O contexto teológico eclesial de Puebla*

Puebla não é apenas um livro, mas um acontecimento, no qual se viveu, por exemplo, a presença do papa conjugado com a de uma cidade viva e real, em sua maioria pobre, tipicamente juventude atina latino-americana. Em relação à reflexão desenvolvida em Puebla pelos bispos, talvez três características globais possam ser apreciadas, entre outras (GERA, 2015, p. 318).

Em primeiro lugar, os temas que vêm dominando há anos a preocupação pastoral, como a promoção humana, a justiça e a libertação dos pobres, foram retomados, e novos foram propostos, como a evangelização dos direitos humanos, a cultura. Tudo isso significa uma vontade de reflexão total, na qual os temas são completados e pensados no

quadro da coerência interna. Na reflexão teológica, não se pode abordar um ponto sem criar outros; não se pode renovar a consideração de um tópico, sem realocar os outros de uma maneira nova e atualizada.

Em seguida, Puebla deu grande importância aos temas, por assim dizer, humanistas: a condição humana da pobreza, as demandas sociais, a situação política, etc. O medo óbvio de muitos era que a Igreja, abordando estas questões, seria deslocada de sua própria missão. No entanto, Puebla manifestou a vontade e capacidade de conceder ao tratamento desses problemas sua exata especificação evangélica; para refleti-los do coração dos valores da doutrina evangélica.

E em terceiro lugar, os bispos de Puebla expressaram sua clara decisão de que a mensagem evangélica, os valores e a doutrina cristã não são deixados em estado anônimo. A doutrina e os valores cristãos devem antes de tudo ser vividos e, além disso, voltados para uma linguagem explícita. Assim, o corpo doutrinal - especialmente o que tem sido chamado de tripé - ocupa um vasto desenvolvimento nos documentos de Puebla. Não se pode deixar de observar que as três características abordadas marcam não apenas o conteúdo, mas também o estilo anti-secularista de Puebla.

Diante do cenário de repressão social, de perseguição, atentado aos direitos fundamentais, a Igreja Católica não podia ficar à margem. Tais atentados contra a vida se tornam um desafio para a própria Igreja Católica, visto que se configuram em um atentado à própria justiça evangélica (PORTES, 2010, p.69). Vale salientar que até os anos 1960 as Igrejas, e em especial a Católica, não eram consideradas pelo sistema capitalista como instituições importantes contra as políticas econômicas colonialistas por parte das nações centrais. Elas eram tidas como aliadas ante o seu papel contrário às ideologias comunistas e subversivas, eram aliadas na defesa das autoridades constituídas e da ordem estabelecida, por isso ficavam próximas às elites.

Na América Latina a partir da década de 1960, e principalmente a partir da Conferência de Medellín em 1968, se desenvolve um novo modelo eclesiológico mais próximo das classes populares, de seus anseios e angústias. Acontece então uma ruptura de fundo com o modelo europeu, gerando o que se pode chamar de “eclesiologia da libertação” (CODINA, 1982, p. 61-81). É a eclesiologia de Comunhão e Participação do Concílio Vaticano II que começa a reconfigurar a maneira de ser da Igreja Latino-Americana, da Igreja como Povo de Deus que é aplicada na maneira original a partir das Comunidades Eclesiais de Base.

Esse novo modelo eclesiológico ganhou força, mas não predominância, pois no interior da própria Igreja institucional existem diferentes formas de pensar, de se organizar e de interesses políticos. A partir da Conferência de Medellín, do fortalecimento da Teologia da Libertação, das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e do engajamento cada vez maior dos cristãos nas lutas pró-libertação há uma mudança de estratégia por parte das elites, a perseguição aos cristãos adeptos das mudanças sociais aumenta na América Latina. Nesse momento muitos membros do episcopado que foram assumindo questões sociais e as lutas populares também sofriam sérias críticas e perseguições por parte das elites da sociedade.

Mesmo existindo grandes setores eclesiásticos que foram assumindo as lutas populares, setores conservadores da hierarquia católica vão se fortalecendo depois de breve retraída diante da abertura propiciada pelo Concílio Vaticano II, da Conferência de Medellín e da ascensão da Teologia da Libertação. Com isso há uma grande campanha interna e externa para calar os bispos que assumiam as causas populares. Mesmo com todas as críticas recebidas por parte da hierarquia católica na América Latina, a Teologia da Libertação foi avançando e se enriquecendo a partir de encontros de teólogos que possibilitaram o intercâmbio de reflexões e experiências entre os teólogos latino-americanos e europeus (LIBANIO, 2017).

Para amplos setores das classes oprimidas e crentes, que sempre mais se põem a ler o Evangelho em comunidade, o que importa para os discípulos de Jesus é empenhar-se por criar um mundo onde seja menos difícil a paz, a fraternidade e a entrega confiante ao Pai (MUÑOZ, 1979, p. 122). Ali também aprendem que esse compromisso não pode evitar a denúncia da idolatria e da opressão: não pode evitar os conflitos, a perseguição, a morte violenta. É isto que aprendem, nesta situação, da vida e morte de Jesus Cristo.

Neste sentido, mais histórico e mais evangélico, vivem o apelo do mestre que lhes manda tomar a cruz e descubrem na própria cruz a semente de libertação plena e de vida pascal para todo o povo. Esse fato de opressão sofrida e de compromisso assumido, ao mesmo tempo, de espiritualidade e de atuação arriscada é tão silenciada na América Latina pelos grupos dominantes e pelos meios de comunicação social. Mas os próprios acontecimentos estão a gritá-los sempre mais alto nas bases populares da Igreja, bem como é proclamado pelos pastores que souberam fazer-se voz daqueles que não tem voz.

2. Puebla e sua opção preferencial pela juventude: o jovem como chave de leitura

Nos tempos atuais a Igreja experimenta grande dificuldade em transmitir a fé para as novas gerações. Joseph Moing diz que essa dificuldade é concreta e precisa ser superada, pois “a única tarefa que importa é deixar passar o Reino de Deus empurrado para frente pelo sopro do Evangelho” (MOING, 2012, p.9). Tal conjuntura preocupa a Igreja desde tempos anteriores. Neste ponto do artigo veremos como as conferências episcopais latino-americanas, posteriores ao Concílio Vaticano II, trouxeram a pauta da juventude para as discussões.

A partir da Conferência de Medellín e Puebla, os jovens foram apontados como esperança da Igreja pós-conciliar e também desafio para a evangelização juvenil. A partir das conferências episcopais um novo olhar e caminhar passam a ser trilhados no chão da América Latina, onde a juventude deixa de ser mera receptora e passa a ser protagonista, apesar dos limites que ainda se enfrenta, veremos que um novo florescer despertou após o continente interpretar à sua maneira as mensagens conciliares, mantendo-se fiéis a ela.

Dirigindo-se aos participantes da Terceira Conferência Episcopal Latino-Americana, ocorrida em Puebla no ano de 1979, João Paulo II assim se refere à juventude:

Quanta esperança a Igreja nela coloca! Quantas energias circulam na juventude da América Latina, de que a Igreja necessita. Como devemos estar próximos dela, nós pastores, para que Cristo e a Igreja, para que o amor do irmão calem profundamente em seu coração (JOÃO PAULO II, 1979).

As palavras do Pontífice abrem horizontes de esperança diante das realidades juvenis e seu entrosamento com o cristianismo. Não se pode crer que a Igreja deixe desamparada essa parcela da humanidade denominada juventude que constitui as bases do seu próprio futuro, seja em dimensão de acolhimento ou de expansão. O seu apelo é atual aos bispos, de que estejam inseridos nas realidades juvenis, pois somente assim poderão conhecer verdadeiramente as situações que envolvem a juventude e pensar concretamente nas alternativas a serem propostas para que o encontro com Jesus Cristo aconteça na vida desses jovens.

Cada momento particular da história necessita ser colocado em evidência no anúncio da boa nova cristã, bem como as particularidades de cada grupo juvenil, se de fato a Igreja tem intenção de dirigir-se a todos os jovens como esperança de seu futuro. Sabe-se “que a proclamação da fé jamais se dirige ao ser humano em geral, pois este nunca existiu, porém sempre a homens e mulheres vivendo numa época histórica e numa sociedade concreta” (MIRANDA, 2013, p. 14), e essa concepção se faz evidente na preocupação do

Pontífice ao pedir que a Igreja esteja próxima dos jovens, pois assim irá conhecê-los e conhecendo-os saberá como amá-los e transmitir-lhes seu evento fundante, Jesus Cristo.

Foi com a preocupação conciliar da Igreja estar aberta ao diálogo com a sociedade que os bispos latino-americanos se colocaram a serviço na terceira conferência. Olharam para os jovens como futuro da Igreja e apresentaram sua opção preferencial pelos mesmos, juntamente com a opção preferencial pelos pobres. Essa Conferência aponta para o rosto de Cristo visível nas feições concretas do sofrimento do povo, das quais destaca-se as feições dos jovens, desorientados por não terem um lugar na sociedade e também frustrados pela falta de oportunidades de capacitação e ocupação (LIBANIO 32-33). Essa constatação não permite que a Igreja de Puebla, assim como a Igreja dos tempos atuais, fique indiferente às necessidades das juventudes.

A realidade se torna um apelo aos bispos e a toda Igreja, para que abra em si um significativo espaço aos jovens. A consciência de que se relaciona não apenas com uma modalidade juvenil faz com que a Conferência esteja aberta aos desafios advindos dos mais variados contextos em que se encontram os jovens, possibilitando maiores condições no processo de aproximação da Igreja com esses seus preferidos. Neste momento quer-se enfatizar de maneira especial o posicionamento de Puebla em sua opção preferencial pelos jovens:

Apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam, como em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação (LIBANIO 116).

A Conferência assume o compromisso de amar os jovens antes de pedir seu amor, de responsabilizar-se por eles antes de pedir que sejam seu futuro, ou seja, de dar-se aos jovens antes mesmo que esses assumam sua missão. Pode-se afirmar isso ao perceber o interesse da Igreja em apresentar aos jovens o Cristo, antes de qualquer outra espécie de doutrina. Crê-se na eficácia de um anúncio gratuito que vise antes de tudo o bem da humanidade, o bem da juventude, o anúncio do amor misericordioso de Deus para com todos os seus filhos e filhas. Entende-se que apresentar Deus a partir de Jesus Cristo não significa impô-lo, mas fazê-lo conhecido e amado pelos jovens como resposta ao amor que lhes é ofertado pelo próprio Deus.

A partir de Puebla, o conceito de juventude ultrapassa um momento cronológico, passa-se a se assumir uma atitude frente à vida, e possui muitos traços característicos,

como o inconformismo, o espírito de aventura, a capacidade criadora com novas respostas para o mundo apontando para novas esperanças, a busca pela liberdade, a alegria, a felicidade, sensibilidade para com os problemas sócias, exigindo dos demais autenticidade e simplicidade, rejeitando por muitas vezes a rebeldia, a hipocrisia e os contra valores.

De acordo com a Conferência, a ausência do diálogo entre jovens e adultos causa uma grande perda para a sociedade, pois ao perceberem que não são levados a sério, os jovens se lançam por diferentes caminhos, nem sempre promissores para si e para os demais. Se reconhece ainda que grande parte do mundo adulto apresenta-se aos jovens como hipócrita e manipulador, o que os desorienta deixando-os a mercê de muitos perigos que a sociedade lhes impõe. Puebla também irá trabalhar diversos outros aspectos da realidade juvenil, apontando para suas fragilidades e necessidades de cuidado (DANIELSKI, 2015, p.49).

Com firmeza afirma: “A juventude da América Latina não pode ser considerada em abstrato. Há diversidade de jovens, caracterizados por sua situação social ou pelas experiências sociopolíticas que vivem [...]” (LIBANIO, 1175). Aqui depara-se com a percepção da Igreja em relação à diversidade dos grupos juvenil, o que é fator fundamental para sua proximidade com eles, diminuindo o risco de totalitarismo e legalismo que muito distância Igreja e juventude (LIBANIO 1176-1177).

A comunidade eclesial não pode negar ou ignorar o fato de que muitos jovens amam a Igreja e querem fazer parte de sua trajetória, mas que muitos outros não apresentam interesse por estarem inseridas na vida eclesial, e tão pouco estão interessados em assumir uma ou outra religião. Tal tomada de consciência também nos alerta para o fato que “os jovens desejosos de se realizar na Igreja podem ficar frustrados por não encontrarem uma boa planificação e programação pastoral que corresponda à realidade histórica em que vivem” (LIBANIO 1181), o que se torna um desafio para toda comunidade eclesial que é convocada a abrir-se para bem acolher.

Compreender que “a Igreja contempla com otimismo e profunda esperança a juventude” é um caminho proposto pela Conferência para estreitar os laços com os grupos juvenis da década de 70 e certamente muito válida para os tempos atuais. Esse processo permitirá a Igreja afirmar com palavras e com testemunho o que o seu Magistério diz aos jovens: “Recordar sempre que só se vos apoiáis, como diz São Paulo, sobre o único fundamento que é Jesus Cristo (Cor 3,11), podereis construir algo de verdadeiramente grande e duradouro” (JOÃO PAULO II, 1979). Aqui encontra-se um compromisso da

Igreja com seus jovens, Puebla veio com a intenção de dar uma resposta à situação das juventudes, embasada em critério de verdade propostos por João Paulo II.

Em Puebla podemos afirmar que a juventude pode se sentir Igreja e se apropriar disso, que pertencem ao Corpo de Cristo enquanto membros amados e importantes, encontrando nela um lugar de comunhão e participação. A Igreja necessita abrir suas portas para acolher o novo que chega e deixar que a Revelação continue nesses espaços que são seu futuro, que são sua esperança. É na Igreja que os jovens devem encontrar o espaço para ser o povo das bem-aventuranças, povo que se encontra com Cristo, que O experimenta e O segue na entrega pelo futuro prometido que tem seu início na história concreta (DANIELSKI, 2015, p.49).

Experimentando Jesus Cristo, assumindo suas atitudes, os jovens promovem e defendem a dignidade de toda a humanidade, não por meras ideologias, mas pela certeza da experiência que diariamente torna-se concreta (LIBANIO, 1184-1185). Mais tarde, João Paulo II em sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*, nos falará da importância do diálogo com a juventude, afinal ambos podem crescer nesta convivência pois a juventude é Igreja, povo de Deus:

A Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas a dizer à Igreja. Este diálogo recíproco, que deverá fazer-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil (CFL 46).

Esses mesmos jovens necessitados de cuidado são aqueles que permitem a Igreja dar continuidade a sua missão. A Igreja espera que os jovens sejam evangelizadores dos jovens, que na sociedade deixem as sementes do cristianismo, as marcas dos valores evangélicos, que se sentindo Igreja assumam as atitudes de Cristo, promovam e defendam a dignidade humana, contribuindo para a edificação da Igreja e a construção de um mundo semelhante com o Reino esperado. Porém vale o questionamento, que transcende tempos, sobre como a Igreja vem ajudando na formação desses jovens, como Igreja vem construindo e tecendo essa esperança que brota na juventude, mas que necessita de constante cuidado.

Vê-se que a Conferência de Puebla é clara ao dizer da esperança da Igreja nos jovens, que os reconhece como sujeitos e protagonistas. Permite perceber que a Igreja latino-americana vê na juventude um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização, porém, Puebla traz um diferencial em sua reflexão sobre o tema, quando

coloca sua “opção preferencial pelos jovens com vistas a sua missão evangelizadora no continente” (LIBANIO, 1186). Depara-se com uma afirmação ousada e desafiadora, tanto quanto as juventudes são ousadas e desafiam as acomodações pastorais.

Optar pela juventude significa abrir-se a todas as suas realidades, estar presente em todos os lugares onde possam ser encontrados, e principalmente, desenvolver o papel de Mãe que educa no amor e na misericórdia promovendo a liberdade oferecida por Cristo (cf. Gl 5,1). Parece que a proposta de Puebla, mesmo tendo em vista a aproximação dos jovens por conta de seu empenho na evangelização, traz o grande desafio de ir ao encontro dos jovens em suas plurais realidades, seja por meio de outros, seja por meio de outros que respondem a vocação de evangelizar.

Não se pode crer que esteja-se diante de uma Igreja disposta a impor a fé aos jovens que se encontram nas periferias das cidades, desrespeitando sua trajetória, cultura e identidade. Precisa-se reafirmar a Igreja disposta a abrir suas portas para o novo que vem, disposta a ir ao encontro das juventudes nos locais onde estão, reconhecendo-os como local de encontro com Deus, chamadas a vida plena em Cristo e chamadas ao anúncio do evangelho. Puebla apresenta a Igreja como possibilidade de encontro entre criatura e Criador: “[...] que os jovens nela [Igreja] busquem o lugar da sua comunhão com Deus e os homens, a fim de construir a ‘civilização do amor’ e edificar a paz na justiça” (LIBANIO 1188) (DANIELSKI, 2015, p.50).

2.1. A evangelização integral como forma de uma nova evangelização da juventude - de Puebla até os dias atuais.

Todos os títulos das quatro partes do documento de Puebla são centrados na evangelização, trata-se de um documento pastoral centrado na evangelização: uma nova evangelização encarnada em um determinado tempo (hoje e amanhã) e espaço (na América Latina, contando com sua situação concreta). A III Conferência inspirada na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, leva a compreender que o evento da evangelização abrange todos os aspectos da vida da pessoa e da sua história, enfim a pessoa toda, numa visão antropológico global e integrada, e não apenas sua parte espiritual, superando assim a dicotomia entre espiritual-material; sagrado-profano; corpo-alma; santo-pecador. Oferece também a compreensão de que não se pode mais falar em evangelização sem levar em

conta as culturas e suas implicações na compreensão da pessoa, do jovem concreto e localizado a ser evangelizado pela Igreja (MARONI, 2014, p.71).

A meta geral do projeto evangelizador de Puebla está resumida em três textos principais do documento final, segundo Hernán Alessandri (ALESSANDRI, 1982, p.84-89). Todos esses textos apontam para uma evangelização integral e transformadora, encarnada na história e na cultura dos povos.

A ação evangelizadora de nossa Igreja latino-americana há de ter como meta geral a constante renovação e transformação evangélica de nossa cultura, isto é, penetração pelo Evangelho, dos valores e critérios que a inspiram, a conversão das pessoas que vivem segundo esses valores e a mudança em que, para ser mais plenamente humanas, requerem a estruturas em que aqueles vivem e se expressam. Uma das incumbências fundamentais do novo impulso evangelizador há de se atualizar e reorganizar o anúncio do conteúdo da evangelização partindo da própria fé de nossos povos, de modo que estes possam assumir os valores da nova civilização (apud MARONI, 2014, p. 1982).

Alessandri prossegue, apresentando um breve resumo da afirmação acima citada, onde se confirma ainda mais a intenção do documento de Puebla em apresentar uma evangelização encarnada e de caráter transformador.

Primeiro: a evangelização da cultura aponta diretamente à construção de uma nova sociedade, isto é, de estruturas que sejam “mais plenamente humanas” (LIBANIO. 395) e que levem a “formas de integração justas” (LIBANIO 428) entre pessoas. Segundo: a formação de uma nova sociedade implica um profundo salto qualitativo, não apenas uma simples reforma. Terceiro: Todo o projeto evangelizador, cultural e social tem como ponto decisivo a capacidade de se elaborar uma “síntese vital” (LIBANIO 436) de todos os “valores da nova civilização urbano-industrial” (LIBANIO 436). Quarto: a colaboração da Igreja na construção de uma sociedade que, para ser autenticamente humanística e fraternal, tenha Deus como fundamento. O documento de Puebla, no seu todo, afirma enfaticamente inspirado na antropologia integral que oferece o Evangelho, que o religioso não é um agregado, mas o mais profundo e autêntico do humano, e que somente a afirmação desta “dimensão vertical” do humano conduz, de modo eficaz, a um mundo mais fraterno em sua convivência social (LIBANIO 241), propondo dessa forma a união entre fé e vida, em uma autêntica ação evangelizadora. Quinto: a presença de Deus e dos valores religiosos na nova cultura não envolve, de forma alguma sinais de “cristandade”, mas se dá como fruto da capacidade de inspiração vital que os cristãos sejam capazes de dar a essa cultura, a partir do testemunho (ALESSANDRI, 1982, p.84-88).

A ideia da evangelização libertadora recorre e impregna todo o documento de Puebla, de modo que, o programa pastoral proposto por essa Conferência podia ser assim expresso: evangelizar libertando para a participação e comunhão. Isso implica uma evangelização e libertação integral que abarce todas as dimensões do ser humano, superando reducionismo e ambiguidades. Trata-se, portanto, de uma missão especificamente cristã, por isso, devendo abarcar o ser humano em sua totalidade. Com a

união entre evangelização e libertação se pretende superar todos os reducionismo espiritualista temporalistas: a evangelização não só se dirige a pessoa interior e nem só as estruturas sociais, mas a pessoa completa em nome deste humanismo total tantas vezes evocado por Paulo VI (MARONI, 2014, p. 73).

Puebla sugere uma evangelização integral também quando quer unir: a postura dos que sentem a necessidade de acentuar a especificidade cristã evangelizadora com a postura dos que sentem a urgência de seguir insistindo que o cristianismo não abarca somente o espiritual e o individual como também a promoção humana e sua dimensão estrutural, procurando salvar o que cada tendência tem de verdadeiro, podendo afirmar o que cada expressão juvenil tem de verdadeira.

A Igreja não pode perder o seu modo típico e original de servir ao ser humano, aos grupos juvenis. Seu modo próprio de servir é evangelizar, tratando-se de um serviço que só ela pode prestar. A evangelização que tem em conta toda a juventude busca alcançá-lo em sua totalidade a partir da dimensão religiosa (LIBANIO, 390). A missão da Igreja pode ser interpretada, em seu conjunto, no documento de Puebla como “evangelização libertadora”. O chamado a uma “evangelização libertadora integral” está presente explicitamente em todas as partes do documento e é capaz de explica-lo e unifica-lo todo.

O documento de Puebla sugere uma evangelização global integradora, também na cultura, ao assinalar a incoerência entre a cultura dos povos, cujos valores estão marcados de fé cristã, e sua condição de injusta pobreza. Isso é um sinal acusador de que a fé não teve a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis pela organização social e econômica dos povos (LIBANIO, 437). Portanto, o tema da promoção e da libertação integral constitui um dos eixos centrais de todo documento de Puebla, além de também constituir uma grande parte de todo o texto. Postula-se uma sociedade diferente das sociedades existentes hoje e uma pessoa nova, uma juventude nova, gestado em um processo de libertação integral, que inclua à dimensão espiritual e religiosa e todas as demais dimensões da vida, como a economia, a política, a cultura entre outras. Esta é a principal marca da ação evangelizadora em Puebla (BOFF, 1979, p.51).

3. É possível um sujeito eclesial? O jovem como lugar teológico a partir da Conferência de Puebla

O Concílio Vaticano II, sem deixar de ser teológico, quis ser essencialmente pastoral (BRIGHENTI, 2006, p.24). Desde os “novos sinais dos tempos” (GS, 4), os padres conciliares debruçaram-se sobre a Igreja, buscando uma nova auto compreensão de seu ser e missão. Estabeleceram um diálogo com o mundo moderno, em atitude de solidariedade e cooperação. A Igreja, que finalmente reconhece não ter todas as respostas aos problemas do mundo de hoje, propõe-se, enquanto vai peregrinando na história com toda a humanidade, a busca-la com “todas as pessoas de boa vontade”, em uma expressão de João XXIII (BRIGHENTI, 2006, p.34).

É preciso ter bem presente que a Igreja é uma realidade *humano-divina*, de um lado ela nasce da vontade livre de Deus, com suas características fundamentais que as distinguem de qualquer outro grupo social, por outro lado é uma comunidade de mulheres e homens vivendo em contextos socioculturais e históricos bem determinados, que não podem ser excluídos de sua vida de fé (MIRANDA, 2013, p. 135).

A verdade de que cada membro da Igreja é sujeito eclesial e não apenas destinatário da ação pastoral da hierarquia implica certamente uma compreensão adequada da Igreja (MIRANDA, 2013, p. 142). A opção dos bispos no Vaticano II de iniciar a Constituição Dogmática sobre a Igreja a partir de todo o povo de Deus, tratando em seguida dos diversos membros torna-se categórico para aprofundar no estudo do jovem enquanto sujeito eclesial. Todos são membros da Igreja, todos gozam de igual “dignidade e ação comum” (LG 32), todos participam ativamente da ação evangelizadora da Igreja no mundo.

A missão da Igreja e sua razão de ser está na realização do Reino de Deus, na constituição de uma nova humanidade que constitua a família de Deus, ou na formação de uma nova sociedade marcada pela justiça e pela caridade (LOHFINK, 1998, p. 15). Essa missão primeira e fundamental diz respeito a toda vasta complexidade da vida humana e faz de todos os membros da Igreja sujeitos dela, antes mesmo de pensar na multiplicidade de seus carismas na Igreja. Afina, a realização do Reino de Deus deve transformar a pessoa em sua totalidade, deve ser capaz de reconfigurar a vida da juventude indo de encontro com a realidade que o cerca e que o atinge de maneira de direta ou indireta e não ser apenas uma dimensão da vida espiritual.

Toda pessoa na Igreja pelo fato de ser batizada (LG 33), independente de sua condição no interior dela, deve promover os valores evangélicos na sociedade, sendo sujeitos ativos de um grande sujeito coletivo, cujo sentido último de seu existir é ser

instrumento da promoção do Reino e seu sinal sacramental na história, enquanto proclama e testemunha pela vida de seus membros a realidade do Reino para cuja plenitude caminha. Desse modo, todo cristão é sujeito eclesial ativo, não de maneira funcional, mas de maneira constitutiva (DIANICH; NOCET, 2007 p.410), pelo que é e não por alguma investidura ou delegação posterior, na própria Igreja e na sociedade onde vive.

Não podemos negar que alguns textos conciliares ainda reservam aos fiéis leigos tarefas na sociedade, no mundo da cultura, política, economia, artes, não referindo-se tanto a atuações no interior da Igreja (MIRANDA, 2013, p.144). Entretanto, essa concepção vem corrigida pela noção abrangente do Reino de Deus como tarefa comum de todos na comunidade eclesial, bem como pela participação de todos na constituição do *sensus fidelium* (LG 12), ou no crescimento da Tradição pelo estudo, contemplação ou experiências dos que creem (DV 8), ou ainda no papel ativo de todos nas celebrações litúrgicas (SC 7) e até na expressão mais adequada da Palavra de Deus, tarefa que não é exclusiva de pastores e teólogos.

A ação pastoral *ad intra*, como própria de qualquer membro da Igreja, vai ser incrementada depois da renovação dos ministérios na Igreja, que abre novos campos de atuação para todos, conforme os carismas e dons que lhes são próprios (catequese, promoção humana, obras de caridade, coordenação pastoral, assessorias das mais diversas, animação litúrgica, ensino teológico). Portanto, pelo fato de que a missão de todos na Igreja é a realização do Reino de Deus, que não se limita somente à dimensão espiritual da vida humana, todos devem ser sujeitos ativos dessa tarefa comum (MIRANDA, 2013, p.144).

Reconhecer o jovem como sujeito eclesial permite uma nova maneira de olhar para as juventudes que estão inseridas nas comunidades eclesiais. Deixa-se de olhar o jovem apenas como mão de obra para a execução de atividades pontuais e começa a ser respeitado e ouvido de acordo com sua identidade batismal que o coloca como sujeito portador de fala e ideias. Não de meras ideias para atividades específicas, mas de ideias que seja capaz de reconfigurar a ação pastoral. Onde a própria pessoa do jovem passa a pensar uma prática pastoral, assessorado por uma boa liderança, que vá de encontro com sua realidade específica de jovem.

Conhecer a cultural juvenil, é para a comunidade cristã, reconhecer que no segmento da sociedade chamado juventude, se encontra as “sementes do Verbo” (CNBB, 2007). O que faz necessário reconhecer, aprofundar e estimular o divino que há na

juventude. Desconsiderar esse divino e sagrado que há no universo juvenil é deixar de lado o que é específico da evangelização da juventude (SÁ, 2010, p.164). O Deus da juventude tem um rosto de jovem e tudo o que isso significa. Nesse sentido, será necessário reconhecer a juventude como uma realidade teológica, fazendo-se o exercício de ler e desvendar toda a realidade que consigo ela traz.

Olhar para a juventude fundamenta o que tem sido estudado até este momento, mostrando que nas faces da juventude podemos identificar a Revelação de Deus. Olhar para o jovem e desconsiderar sua juventude é negar o jovem como sujeito eclesial. Em um período social tão crítico quanto o qual estamos vivendo, se torna necessário encarnar-se na realidade e aceitar o que a juventude carrega de novo, plural e diferente, onde esse discurso deixa de ser mera falácia e torna-se atitude concreta de toda a comunidade eclesial (SÁ, 2010, p.164).

Ousar construir uma Igreja aberta ao novo, que vá de encontro com as realidades existenciais exige uma abertura e acolhida à juventude, como possibilidade de transformação da própria Igreja. No processo de educação da fé da juventude não bastam espaços tradicionais e previsíveis como os encontros de preparação dos sacramentos. Quando se trata de evangelização da juventude, é fundamental uma postura didática que leve em conta sua capacidade fala e contribuição, é preciso levar em conta seus sentimentos, sua pessoa, considerando tudo o que o jovem carrega consigo.

Conclusão

O jovem no espaço eclesial é sinal de resposta às opções assumidas no Concílio e em Puebla, resposta que sempre deve ser revisada e repensada, pois, a maneira que os jovens ocupam os espaços eclesiais na Igreja do Brasil é sempre provocadora. A Igreja do Brasil assume esse compromisso a passos curtos, um caminho foi percorrido mas vale ressignificar esse caminho para a situação atual da evangelização da juventude.

A intenção deste artigo foi apresentar a opção da Igreja pelo jovem e toda sua juventude, a opção feita nas entrelinhas no Concílio Vaticano II e reassumida pela Igreja da América Latina em Puebla. O jovem no espaço eclesial é sinal de resposta às opções assumidas no Concílio e em Puebla, resposta que sempre deve ser revisada e repensada, pois, a maneira que os jovens ocupam os espaços eclesiais na Igreja do Brasil é sempre provocadora. Que a partir desse sentimento de fazer memória a Puebla, a opção preferencial pela juventude passe a ser efetivada em nossas Igrejas.

Reviver Puebla, celebrar seus quarenta anos é revisitar os caminhos que a Igreja Latino-americana percorreu no decorrer da história e reafirmar no atual contexto o espírito profético da Conferência assumindo uma Igreja em saída comprometida com a realidade e com o Evangelho, comprometida com a evangelização integral da juventude.

Referências Bibliográficas:

BRIGHENTI, A. *A Pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CARDOZO, C. E. da S.M. Juventudes: aproximações, leituras e releituras – 50 anos depois. In: AQUINO, F. (org.). *50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho*. São Paulo: Paulinas, 2017.

CODINA, V. *Eclesiologia latino-americana da libertação*. In: REB (Revista Eclesiástica Brasileira), fasc. 65. Petrópolis: Vozes, 1982.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, Constituições, Decretos, Declarações, 29. ed., Petrópolis: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da Juventude: desafio e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documentos da CNBB 85).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documentos do CELAM: *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. Conselho Episcopal Latino-Americano. São Paulo: Paulus, 2004.

ALESSANDRI, Hernán. *O futuro de Puebla: repercussão social e eclesial*. São Paulo: Paulinas, 1982.

COSTA, R. F. A opção pelos jovens e o caminho das juventudes no século XXI. In: SOUZA, N. SBARDELOTTI, E. (orgs). *Medellín: Memória, profetismo e esperança na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2018.

BOFF, Leonardo. *Puebla: ganhos e avanços emergentes*. IN: REB (Revista Eclesiástica Brasileira), fasc. 153, mar. 1979.

DANIELSKI, G. *Esperança cristã e juventudes: um encontro de esperanças para a vida da Igreja*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.

DIANICH, S.; NOCETI, S. *Tratado sobre a Igreja*. Aparecida: Editora Santuário, 2007.

GERA, L. *La Teología del Pueblo*. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2015.

JOÃO PAULO II. Discurso do santo padre durante a visita à escola católica de Miguel Angel da cidade do México. Disponível em:
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/1979/january/documents/hf_jp_ii_spe_19790130_messico-studenti-cattolici_po.html, Acesso em 05 nov. 2018.

LIBANIO, J. B. *Panorama da teologia latino-americana nos últimos anos*. Disponível em:
<http://servicioskoinonia.org/relat/229.htm>. Acesso em 01/04/2019.

_____. Visita do Papa à América Latina. In: REB (Revista Eclesiástica Brasileira), fasc. 153. Petrópolis: Vozes, mar. 1979.

MIRANDA, M. de F. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas 2013.

MOING, J. *Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento de Deus*. Volume II. São Paulo: Loyola, 2012.

MUNOZ, R. O capítulo eclesiológico das Conclusões de Puebla. In: REB (Revista Eclesiástica Brasileira), fasc. 153. Petrópolis: Vozes, mar 1979.

PAULO VI. *Mensagem aos jovens na conclusão do Concílio Vaticano II*. Disponível em:
http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani.html

PORTES, A. C. I. *O compromisso cristão com a transformação social nos documentos das Assembleias Gerais de Medellín e Puebla*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

SÁ, N. M. de O. *Desafios e propostas para a evangelização da juventude na cidade de São Paulo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

SOBRINO, J. La Iglesia de los pobres no prosperó em el Vaticano II. *Concilium*, n. 346. Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 395 – 405